


**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

JÚLIO ANTÔNIO APONTO TÉ

# **ESTUDO DA PRÁTICA DE ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS GUINEENSES**



ARARAQUARA – S.P.  
2011

JÚLIO ANTÓNIO APONTO TÉ

# **ESTUDO DA PRÁTICA DE ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS GUINEENSES**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientadora: Profa. Dra. Marina Célia Mendonça**

ARARAQUARA – S.P.  
2011

Té, Júlio António Aponto

Estudo da prática de escritores contemporâneos guineenses / Júlio António Aponto Té - 2011

49 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –  
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,  
Campus de Araraquara

Orientador: Marina Célia Mendonça

1. Estudos bakhtinianos. 2. Prática da escrita. 3. Mídia.  
4. Oralidade. 5. Literatura africana. I. Título.

Dedico a este trabalho a Deus todo poderoso, pelo seu poder, força, amor, coragem e cuidado que tem me dado durante o dia a dia para poder enfrentar as dificuldades neste mundo.

Também, dedico este trabalho para os meus pais António Aponto Té e Sabadu Djú , que me colocaram neste mundo, e os cuidados que eles deram por mim durante um tempo de vida antes de deixar este mundo dos vivos. Pois as mensagens deixadas por eles me serviram como escudo da defesa na minha fase das dificuldades enfrentadas na vida quotidiana.

Aos meus irmãos Ramalhano António Té, Joana António Té e Alberto António Té, que sempre me encorajaram durante a minha formação e à minha namorada Botadji Espírito Santo Vaz Martins, uma pessoa que não poupou o esforço e nem pensou nos custos de falar comigo por telefone nesta distância geográfica, enchendo-me de palavras maravilhosas de ânimo, esperança, fé e confiança pelo meu objetivo do curso. E ajudando com algumas despesas necessárias para minha sobrevivência no Brasil.

Ainda para terminar gostaria de fazer a dedicatória deste trabalho também para os meus colegas da classe, foram pessoas de grande importância e companheirismo durante o processo do meu estudo, nos momentos da harmonia e da união em classe. pois aprendi com eles sobre a realidade da cultura brasileira, amizade, tolerância, ajuda de um ao outro. De modo que não poderia deixar de mandar essa dedicatória para toda classe e, em especial, para: Débora Moraes, Denise da Silva, Beatriz Ghessi, Gabriela Sampar Rocha, Priscilla Sumaio, Lucas De Almeida Pontes, Vinicius Borges Pegorin, Mariana Centanin Bertho e mais outros que não há espaço para mencionar aqui. Todas essas pessoas foram importantes para mim, pois o companheirismo deles no processo da formação da minha vida acadêmica foi de uma extrema importância.

## AGRADECIMENTOS

Durante o percurso da vida a gente acaba entrando em contato com pessoas que, felizmente, adicionam, em nossas vidas, e ao fim disso restam sentimentos ternos. Portanto eu venho agradecer a essas pessoas pelo amor, carinho, respeito, atenção e confiança que depositaram em mim.

O meu agradecimento vai em primeiro lugar ao meus pais, António Aponto Té e Sábado Djú, pelo carinho e cuidados que permitiram minha conquista neste mundo cheio de desafios.

Agradeço também ao meu amigo e companheiro Prof. Dr. Ronaldo Ribeiro Correa e à sua esposa, Luzicleide Ferreira Correa, pelos conselhos e ajuda financeira. Da mesma forma, não posso esquecer-me de mandar meus agradecimentos à família Martins, na pessoa de Clovis Martins e sua esposa Vanda Pereira dos Santos Martins, que são as pessoas que pagam meu aluguel e sempre se preocupam com o meu dia a dia e minha alimentação, para que eu possa enfrentar os meus estudos.

À comunidade da Igreja Presbiteriana Central de Araraquara, que é a comunidade que me recebeu nos meus primeiros anos do curso, ajudando com as despesas da documentação da polícia federal e permitindo a regularização da minha estadia no Brasil.

À comunidade da Igreja Cristã de Jundiaí, em especial ao Pastor Mario Zago, por ter me ajudado moral e financeiramente nos momentos em que precisava de ajuda para poder manter os custos das necessidades básicas da minha estadia no Brasil.

Agradeço, também, aos meus colegas da República “África”: Dabana Namone, Hartiga Gomes e João Mahinga Sebastião, pelo que construímos, amizade, harmonia, confiança e encorajamento, para a construção de uma nova família vinda de diferente lugar, do belo continente africano. Agradeço pela paciência, companheirismo e pelas discussões acadêmicas, os abraços das danças, momentos das tristezas, saudades, lágrimas, alegrias e os momentos das vitórias.

À Coordenadoria Especial e Executiva da Igualdade Racial, na pessoa da Coordenadora Alessandra de Cassia Laurindo e a sua equipe de trabalho, pela ajuda nas ligações telefônicas no Brasil e para meu país a fim de resolver os problemas dos meus documentos na polícia federal e estabelecer o contato com a minha família e o governo do meu país, também pelo carinho, pela confiança e pela proximidade harmoniosa com a comunidade araraquense.

Sou profundamente grato, no fundo do meu coração, à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Celeste Consolin Dezotti, pela indescritível solidariedade e afeto inestimável, atenção, paciência nas respostas à minha preocupação em relação ao curso, aos questionamentos existenciais e teóricos nas longas e cúmplices conversas, hoje materializadas no aprender-fazer do cotidiano, na busca da construção de um futuro melhor.

Não poderia deixar de agradecer imensamente ao Prof. Dr. Arnaldo Cortina, pelo incentivo e fortalecimento através da leitura e correções atentas dos vários textos manuscritos.

De uma maneira geral, agradeço a todos os professores de Curso de Letras da FCLAR, que não pouparam esforços em preparar as matérias e os textos para as nossas aulas. Não apenas valorizo os comentários, as observações, críticas a respeito dos textos e as ricas lições dadas pelos senhores, mas também sua amizade. Professores, os senhores são aqueles que são indispensáveis.

A todos os funcionários da graduação, em especial Sylvia Regina de Oliveira Rodrigues e Selma Regina Andriati Bianchi, que sempre me ajudaram a resolver os problemas das documentações que provam a minha regularização na faculdade nos momentos em que eu ia regularizar o meu visto na polícia federal, momentos que às vezes eram de muita urgência.

O meu agradecimento generoso do fundo do meu coração vai para uma pessoa muito especial na minha vida acadêmica, que é a minha orientadora, Prof<sup>ra</sup> Dr<sup>a</sup> Marina Célia Mendonça, por ser minha mãe acadêmica. Devo agradecer-lá por todas minhas conquistas acadêmicas, pelos conselhos perfeitos que ela dá para mim, pelas correções dos trabalhos, pelo tempo dedicado a mim e ao meu projeto, a paciência e atenção nos momentos de nossas conversas, pelos sorrisos e pelo seu conhecimento. Ainda termino agradecendo a ela por me fornecer caminhos e me fazer uma pessoa com a conquista de uma nova experiência no mundo acadêmico.

E para terminar, agradeço, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – que me concedeu uma bolsa de Iniciação Científica, dentro do Programa PIBIC-CNPq, com vigência de 01 de Março de 2011 a 31 de julho de 2011. A bolsa permitiu meu crescimento acadêmico através do financiamento de participações em congressos, da compra de livros, dentre outros.

Ao governo do meu país e ao governo federal do Brasil, por laços de cooperação através do programa de convênio de estudantes de graduação e pós-graduação (PEC-G/PG), que possibilitou meus estudos no Brasil.

Agradeço, principalmente, a essa força máxima por estar sempre comigo, por me proporcionar várias oportunidades e por ter colocado em meu caminho as pessoas mencionadas acima.

## RESUMO

O tema desta monografia é a prática da escrita de escritores contemporâneos da Guiné-Bissau, um dos países da antiga colônia portuguesa onde a literatura se desenvolveu muito tarde, devido ao atraso do aparecimento de condições sócio-culturais para o desenvolvimento dessa prática. Esse atraso deu-se através de exploração colonial que durou por um longo período sob o comando do governo português. Entre os elementos que explicam essa situação está presença de uma política educativa colonial restritiva e longa. O interesse desta pesquisa reside em questões relativas às práticas de escrita e identidade; é uma pesquisa exploratória que tem por finalidade levantar informações e refletir sobre discursos de escritores guineenses contemporâneos sobre sua prática de escrita e discursos jornalísticos e acadêmicos sobre a prática de escrita desses escritores. A busca do *corpus* é feita, principalmente, na *internet* e o recorte temporal definido para os discursos coletados é de 1990 a 2010. As questões que mobilizam a pesquisa são: 1) Como se dão as práticas de escrita desses escritores?; 2) Qual a função da escrita nesse contexto sócio-histórico?; 3) Quais as consequências dessa prática para a produção da identidade desses sujeitos? Os resultados permitem afirmar que: as práticas de escrita têm um papel importante na produção da identidade do sujeito guineense, pois têm sido relacionadas aos movimentos identitários e políticos; o uso das línguas nativas e do crioulo, nessas práticas, é indício da tentativa de construir, na escrita, uma identidade para o *eu* que redige e para o outro representado. Essa identidade dialoga com as manifestações culturais do povo africano.

**Palavras-chave:** Estudos bakhtinianos. Prática de escrita. Mídia. Oralidade. Literatura africana.

## ABSTRACT

The aim of this final essay is to study the writing practice of contemporary writers from Guinea Bissau, one of the countries of the former Portuguese colony, where the literature has developed very late, due to the lack of socio-cultural conditions for the development of this practice. This happened because the country was delayed under colonial exploitation for a long time, under the command of the Portuguese government. Among the elements that explain this situation is the presence of a restrictive and long colonial education policy. The interest of this research consists in issues relating to the practice of writing and identity. It is an exploratory study which aims to gather information and reflect a) on discourses of contemporary Guinean writers about their writing practice and b) journalistic and academic discourses about the writing practice of these writers. The search of the corpus is made mainly on the Internet and the time frame set for the talks is collected from 1990 to 2010. The issues that guide the research are: 1) How is the writing practice of these writers?, 2) What is the purpose of writing in this socio-historical context?, 3) What are the consequences of this practice for the production of the identity of these individuals? The results have revealed that: the practice of writing has an important role in the production of Guinean subject identity, because it has been related to the identity and political movements; the use of native languages and Creole in these practices, is indicative of the attempt to build in writing, an identity for the self who writes and for the other represented. This identity speaks to the cultural manifestations of the African people.

**Keywords:** Bakhtinian studies. Practice of writing. Media. Orality. African literature.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Jornais digitais	28
<b>Figura 2</b>	Felupe	29
<b>Figura 3</b>	Alguns dos dados coletados	30

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ESCRITA NA GUINÉ-BISSAU</b>	<b>11</b>
<b>2.1 Primeira fase: anterior a 1945 - Escritores de cunho colonial</b>	<b>11</b>
<b>2.2 O período entre 1945 e 1970 - Uma poesia de combate</b>	<b>12</b>
<b>2.3 Dos anos 1970 ao fim dos anos 1980 – Da poesia de combate à poesia intimista</b>	<b>13</b>
<b>2.4 A partir da década de 1990 - Uma poesia mais intimista</b>	<b>14</b>
<b>2.5 A prosa contemporânea</b>	<b>16</b>
<b>3 O PENSAMENTO DE AMÍLCAR CABRAL</b>	<b>18</b>
<b>4 O CASO DE ODETE SEMEDO</b>	<b>21</b>
<b>5 OUTROS ESCRITORES</b>	<b>23</b>
<b>6 CULTURA E LITERATURA EM JORNAIS GUINEENSES</b>	<b>28</b>
<b>7 O IMPACTO DA MÚSICA NO CONTEXTO GUINEENSE</b>	<b>31</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>36</b>
<b>FONTES CONSULTADAS</b>	<b>37</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>38</b>
<b>ANEXO A – Entrevistas</b>	<b>39</b>
<b>ANEXO B - O impacto cultural da música e dança no contexto guineense</b>	<b>49</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo principal desta monografia consiste em recolher informações sobre a prática de escrita de escritores guineenses contemporâneos.

Das colônias portuguesas, a Guiné-Bissau é o país onde mais tardiamente a literatura se desenvolveu devido ao “atraso do aparecimento de condições socio-culturais propícias ao surgimento de vocações literárias” (EMBALÓ, 2004). Segundo a autora citada, entre os fatores que explicam esse fato estão uma política educativa colonial restritiva e tardia, pouco apoio governamental à promoção da cultura nacional e a inexistência de bibliotecas e de editoras. Exemplo dessa situação é que Abdulai Silá, o primeiro romancista contemporâneo do país, fundou a sua própria editora em 1994.

Interessa a esta pesquisa recolher material que sirva de subsídio à reflexão sobre a subjetividade em prática de escrita nesse contexto:

- 1) Como se dão as práticas de escrita desses escritores (publicam regularmente? Editam blogs)?
- 2) Qual a função da escrita nesse contexto sócio-histórico (é base para a produção de uma identidade nacional e linguística? A preocupação principal é estética ou a preocupação é a produção de identidade nacional e linguística)?
- 3) Quais as consequências dessa prática para a produção da identidade desses sujeitos?

Embaló (2004) afirma que,

Embora o português continue a ser a língua dominante na poesia guineense, o recurso ao crioulo tornou-se mais frequente, quer pela escrita em crioulo, quer pela utilização de termos e expressões crioulas em textos em português. Empregando o crioulo, os autores põem em evidencia a riqueza metafórica dessa língua, profundamente enraizada na cultura popular.

Uma escritora que utiliza tanto o português como o crioulo, e reivindica pertencer a duas culturas, é Odete Semedo, que é uma das escritoras cujo discurso se deseja coletar nesta pesquisa. A situação de bilinguismo e falta de escolarização é parte dos problemas enfrentados pela sociedade guineense. A autora relata que

Na Guiné-Bissau, [...] para além das línguas usadas por cada um dos grupos étnicos, existe uma língua franca falada por cerca de 70% da população de todo o país, o crioulo de base portuguesa, e uma língua oficial utilizada na administração e no ensino, o português, dominado por cerca de 12 por cento da população guineense. (SEMEDO apud SILVA, 2006).

Destacamos que o interesse desta pesquisa não reside na qualidade literária da produção escrita na Guiné-Bissau, mas em questões relativas às práticas de escrita e identidade.

Considerando o objetivo central desta pesquisa, a metodologia em que se sustenta parte deste trabalho é uma pesquisa exploratória, principalmente em *sites* lusófonos, com a finalidade de coletar: discursos de escritores guineenses contemporâneos sobre sua prática de escrita; discursos jornalísticos e acadêmicos sobre a prática de escrita de escritores guineenses.

Outras fontes foram consultadas: obras desses autores e periódicos impressos. Os gêneros discursivos em que encontramos os discursos em questão são: entrevistas fornecidas por esses escritores; depoimentos e declarações desses escritores em matérias jornalísticas culturais; trabalhos acadêmicos, resenhas, prefácios e apresentações de obras desses autores; produções culturais desses autores que tematizam a escritura.

O recorte temporal dos discursos coletados compreende, principalmente, as duas últimas décadas do país (de 1990 a 2010) – consideramos que esse recorte é coerente com a periodização da produção literária da Guiné-Bissau feita por Embaló (2004). Segundo a pesquisadora, a partir da década de 1990, desenvolveu-se nesse país uma poesia mais intimista, em oposição à tendência anterior, motivada por uma “euforia revolucionária”. Além disso, a prosa literária, de acordo com a estudiosa, aparece na literatura contemporânea bissau-guineense somente em 1993, quando surge o primeiro romance de Abdulai Silá, “Eterna Paixão”.

Utilizamos o estudo da pesquisadora citada, que faz uma relação de autores guineenses importantes no período em questão, para a seleção de autores cujos discursos foram coletados.

Após coletado o material, é feito um levantamento qualitativo do conteúdo presente nos dados e desenvolvida uma reflexão sobre a identidade do escritor guineense.

Este trabalho se justifica pelo pouco conhecimento que se tem, no meio acadêmico, sobre as práticas de escrita na Guiné-Bissau. Além disso, justifica-se pelo interesse das pesquisas na área acerca das relações entre oralidade e escrita, tópico que se aborda neste trabalho.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ESCRITA NA GUINÉ-BISSAU

As informações contidas neste item foram retiradas de Embaló (2004).

A Guiné-Bissau é um dos países da antiga colônia portuguesa onde a literatura se desenvolveu muito tarde, devido ao atraso do aparecimento de condições sócio-culturais para o surgimento das práticas de escrita. Esse atraso deu-se através de exploração colonial que durou por um longo período sob o comando de Portugal.

Os elementos que explicam essa situação é a presença de uma política educativa colonial elitista e longa. O primeiro estabelecimento de ensino secundário na Guiné foi aberto em 1958, mas somente os filhos dos assimilados à cultura dos portugueses é que tinham acesso à escola na nessa época, enquanto que, nas outras colônias potuguesas na África, já haviam aberto as escolas de ensino sencundário há muito tempo. Exemplo disso foi a inauguração do primeiro liceu nacional em Cabo-Verde em 1860. Mas o sistema de ensino também era restrito lá; como na Guiné-Bissau, a maioria da população que não fazia parte dessa classe de assimilados, era excluída.

Dessa forma, questões sócio-culturais, concretamente a falta de recursos financeiros e a pouca escolaridade, bem como o domínio da oralidade, abriram espaço para que a literatura não desenvolva na Guiné. É importante mostrar que a União Nacional de Artistas e Escritores guineenses tem desenvolvido muito pouco esta área do conhecimento, de tal forma que até Abdulai Silá, escritor reconhecido, fundou, com seus recursos, sua própria casa de edições em 1994.

Poderemos distinguir quatro fases na literatura da Guiné em função do seu conteúdo: uma primeira fase anterior a 1945, uma segunda entre 1945 e 1970, uma outra entre 1970 e o fim dos anos 1980, e finalmente a fase iniciada na década de 1990.

### 2.1 Primeira fase: anterior a 1945 - Escritores de cunho colonial

Segundo Filomena Embaló (2004),

[...] os primeiros escritos no território guineense foram produzidos por escritores estabelecidos ou que viveram muitos anos na Guiné, muitos deles de

origem cabo-verdiana. A maior parte das suas obras têm um carácter histórico, com a excepção da de Fausto Duarte (1903-1955), que se destacou como romancista, Juvenal Cabral e Fernando Pais Figueiredo, ambos ensaístas, Maria Archer, poetisa do exotismo, Fernanda de Castro, cuja obra dá conta das transformações sociais da colónia na época e João Augusto Silva, que recebeu o primeiro prémio de literatura colonial. Porém a maior parte destes autores caracterizam-se por uma abordagem paternalista e/ou próxima do discurso colonial.

Durante este período, apenas uma figura guineense se destaca: o Cónego Marcelino Marques de Barros, que deixou trabalhos no domínio da etnografia, nomeadamente *A literatura dos negros*, e uma colaboração com carácter literário dispersa em obras diversas. A ele se deve a recolha e a tradução de contos e canções guineenses em diferentes publicações e numa obra editada em Lisboa em 1900, intitulada *Contos, Canções e Parábolas*.

## 2.2 O período entre 1945 e 1970 - Uma poesia de combate

A literatura desse período caracteriza-se pelo surgimento da *poesia de combate* que denuncia a dominação, a miséria e o sofrimento, incitando à luta de libertação. É nesse momento que surgem os primeiros poetas guineenses: Vasco Cabral e António Baticã Ferreira. Amilcar Cabral, com uma dupla ligação à Guiné e Cabo Verde, faz também parte desta geração de escritores nacionalistas. Embora os primeiros poemas de Amilcar Cabral revelem um autor cabo-verdiano, a maior parte da sua obra literária adquire um de cunho de estilo universalista, que é marcada pela contestação e incitação à luta, como vemos no trecho de poema a seguir:

Ah meu grito de revolta que percorreu o mundo  
que não transpôs o mundo  
o Mundo que sou eu !  
Ah ! meu grito de revolta que feneceu lá longe  
Muito longe  
Na minha garganta !  
Na garganta mundo de todos os Homens. (CABRAL apud EMBALÓ, 2004).

Pode-se afirmar que Vasco Cabral foi o escritor dessa geração com maior produtividade poética e também o poeta guineense com o maior número de temas abordados. Sua produção abrange temas ditômicos de cunho esperançoso, passando pelo oprimido que vai à luta, pelo

indivíduo que, mesmo se encontrando em um estado de miséria, tem esperança para mudar seu destino, além de outras temáticas como o amor, a paz, a criança, a infância, a juventude.

Inicialmente sua produção apresentava um tom universalista, mas a partir dos anos 1960, a sua obra se orienta para a realidade guineense. Em 1981, publicou o seu primeiro livro de poemas intitulado *A luta é a minha primavera*, obra que reúne 23 anos de criação poética desenvolvida entre 1951 e 1974. Veja-se um trecho de poema:

Mãe África  
 Vexada  
 Pisada  
 calcada até às lágrimas  
 confia e luta  
 e um dia a África será nossa... (CABRAL apud EMBALÓ, 2004).

### **2.3 Dos anos 1970 ao fim dos anos 1980 - Da poesia de combate à poesia intimista.**

Com a independência do país em 1974, surge uma safra de jovens poetas, cujas obras, impregnadas de um espírito revolucionário, manifestam um caráter social. Os autores mais representativos são: Agnelo Regalla, António Soares Lopes (Tony Tcheca), José Carlos Schwartz, Helder Proença, Francisco Conduto de Pina, Félix Sigá.

O colonialismo, a escravatura e a repressão são denunciados por esses autores que, no pós-independência, reivindicam a construção de uma nova Nação e invocam a liberdade e a esperança de um futuro melhor. O tema da identidade do guineense, que nos interessa diretamente nesta pesquisa, é abordado através de diferentes situações: a humilhação do colonizado, a alienação ou assimilação e a necessidade de afirmação de uma nova identidade nacional.

De acordo com Embaló (2004),

note-se porém que a questão de identidade não é apresentada como um factor de oposição entre o indivíduo e a sociedade na qual este evolui. Ela é analisada como um conflito pessoal do indivíduo, que consciente do seu defasamento cultural em relação à sociedade de origem, procura identificar-se com as suas raízes, da qual foi afastado pela assimilação colonial. Por conseguinte, nesta abordagem não se põe em causa a pertença do indivíduo à sociedade em questão.

Embora o recurso ao crioulo seja marginal, os autores afirmam-se como cidadãos africanos. Vejamos:

**Agnelo Regalla (tema do assimilado)**

Fui levado  
a conhecer a nona sinfonia  
Beethoven e Mozart  
na música  
Dante, Petrarca e Bocácio  
na literatura  
... Mas de ti mãe África ?  
Que conheço eu de ti ?  
a não ser o que me impingiram  
o tribalismo, o subdesenvolvimento  
e a fome e a miséria como complementos...

**Helder Proença (temas: reconstrução e esperança)**

...É assim que vamos tecendo as nossas manhãs  
de ferro e terra batida  
são as cores da nossa vida  
onde a juventude se forja  
- ardente e gloriosa no peito palpitante do futuro - ...

As primeiras publicações poéticas surgem em 1977 com a edição da primeira antologia *Mantilhas para quem luta*, editada pelo Conselho Nacional da Cultura. No ano seguinte, é publicada a *Antologia dos novos poetas / primeiros momentos da construção*. Estas duas obras consagram uma poesia que instiga à reconstrução do jovem país. Ainda em 1978, Francisco Conduto de Pina publicou o seu primeiro livro de poemas, *Garandessa di nô tchon*, e Pascoal D'Artagnan Aurigema editou *Djarama*. Helder Proença publicou, em 1982, *Não posso adiar a palavra*, com duas obras poéticas.

Em 1990, surgiu uma nova coletânea poética, a *Antologia Poética da Guiné-Bissau*, editada em Lisboa pela Editorial Inquérito, reunindo obras de quinze poetas, dos quais a maioria produz ainda uma poesia característica desta época.

## **2.4 A partir da década de 1990 - Uma poesia mais intimista.**

O desencantamento dos sonhos do pós-independência imediato fez com que a euforia revolucionária desse lugar a uma poesia que se tornou mais pessoal, mais intimista, com o deslocamento dos temas nacionalistas para as temáticas centradas no indivíduo. Outros temas passaram a inspirar a criação literária, tais como o amor. Entre os autores que produziram nessa época, podemos citar: Helder Proença, Tony Tcheca, Félix Sigá, Carlos Vieira, Odete Semedo.

Segundo Embalo (2004), nesse período,



[...] embora o português continue a ser a língua dominante na poesia guineense, o recurso ao crioulo tornou-se mais frequente, quer pela escrita em crioulo, quer pela utilização de termos e expressões crioulas em textos em português. Empregando o crioulo, os autores põem em evidência a riqueza metafórica dessa língua, profundamente enraizada na cultura popular.

Odete Semedo (apud EMBALÓ, 2004), que utiliza tanto o português como o crioulo, reivindica pertencer a duas culturas:

Em que língua escrever  
as declarações de amor?  
**em que língua contar as histórias que ouvi contar?**  
... Falarei em crioulo?  
Falarei em crioulo!  
mas que sinais deixar aos netos deste século?  
ou terei que falar nesta língua lusa  
e eu sem arte nem musa  
mas assim terei palavras para deixar...

Vale a pena ressaltar que, na literatura guineense, são várias as publicações que dão conta destas inovações: *O Eco do Pranto e Noites de insónia em terra adormecida*, de Tony Tcheca, publicados em 1992 e em 1996, respectivamente; uma antologia temática sobre a criança, *O silêncio das gaivotas*, em 1996; *Kebur – Barkafon di poesia na kriol*, de Francisco Conduto de Pina, em 1996; *Entre o Ser e o Amar*, de Odete Semedo, publicada também em 1996; e *Um Cabaz de Amores - Une corbeille d'amours*, recolha bilíngue português-francês de poemas de Carlos Edmilson Vieira, publicada em 1998.

Infelizmente, a maioria dessas publicações que foram escritas por esses escritores contemporâneos, tanto em crioulo como em português, não é fácil de encontrar no meio digital, pois o uso da informática e a internet até então eram novidades no país. Assim, a digitalização de livros e outros materiais de pesquisa e estudo foi um processo muito recente na Guiné-Bissau, sem contar que a população, de forma geral, não tem acesso e domínio deste sistema tecnológico. Devido a essa situação, houve a criação do *site* Jornal Nacional do “No Pintcha” nos finais de 2009 e do *site* da Rádio Jovem, uma emissora que recentemente também realiza transmissão via internet; essas duas instituições foram pioneiras na criação de *sites* e *Blogs* e também são as responsáveis por incentivar a criação de novos *sites* e *Blogs*.

Nessa conjuntura, ainda existem poucos materiais da literatura Guineense divulgados na mídia por seus próprios autores, sendo a maioria desses textos um resultado das obras analisadas por poucos estudiosos ou pesquisadores, que de certa maneira, acabam realizando uma interpretação pessoal desses escritores da Guiné-Bissau, divulgando a obra desses autores da maneira parcial e fragmentada no mundo da web.

Um exemplo desse esforço de divulgação e estudo da literatura do país é o trabalho de Filomena Embaló, escritora guineense que organiza diacronicamente os escritos literários guineenses, facilitando o acesso às informações para os futuros pesquisadores da literatura da Guiné-Bissau. Podemos ver o exemplo disso na forma como organiza as fases dos escritores guineenses desde 1945 até 1990, estudo em que nos baseamos neste trabalho.

## 2.5 A prosa contemporânea

Segundo Embaló (2004), “[...] foi apenas em 1993 que a prosa aparece na literatura contemporânea bissau-guineense. Foi Domingas Sami que inaugurou este estilo com uma recolha de contos “A escola” sobre a condição feminina na sociedade nacional.”

Ainda segundo a autora, no ano de 1994 surge o primeiro romance do país publicado pelo escritor Abdulai Silá, *Eterna Paixão*, que depois também publicou outros dois romances: *A última tragédia*, e *Mistida* em 1997. Silá, nessas obras, põe em destaque a relação entre o colonizador e colonizado, problematizando a sociedade colonial. A transição para uma sociedade pós-colonial (onde uma nova elite que acaba de sair da luta de libertação já passa a participar do poder, fazendo contrastar o seu discurso revolucionário com uma prática desastrosa no governo do país), é visitada pela pluma atenta do escritor. O seu romance *Mistida*, publicado um ano antes do início da guerra civil de 1998/1999, é considerado pelos críticos literários como uma obra profética.

Em 1997, Carlos Lopes, autor de numerosas obras de caráter histórico, sociológico e político, inaugura a sua incursão na literatura nacional com a publicação de *Corte Geral*, uma recolha de crônicas, na qual, com muito humor, descreve situações reveladoras do surrealismo que caracteriza a sociedade guineense de todos os tempos.

Ainda de acordo com Embaló (2004), um outro escritor se impõe em 1998 na cena literária, é Filinto Barros, com seu primeiro romance: *Kikia Matcho*, que mergulha o leitor no

mundo mágico e místico africano, abordando a vida decadente da capital da Guiné-Bissau nos anos 1990 e o sonho não alcançado que representa a emigração.

Em 1999, Filomena Embaló publicou também o seu primeiro romance, *Tiara*, que levanta o véu do delicado tema da integração familiar e social no seio da própria sociedade africana.

Carlos Edmilson Vieira, em 2000, escreveu *Contos de N'Nori*, uma recolha de contos que evocam lendas e costumes populares, recordações de brincadeiras da juventude e as vicissitudes sociais e políticas da sociedade guineense.

Para concluirmos, gostaríamos de mostrar que, segundo Embaló, a literatura contemporânea bissau-guineense, nas suas diversas formas, tem uma constante: pela pluma dos seus escritores, retratam-se as desilusões, os medos e as aspirações da população perante a situação política, social e econômica que prevalece no país.

### 3 O PENSAMENTO DE AMÍLCAR CABRAL

Amílcar Lopes Cabral é de nacionalidade guineense, nasceu em 12 de setembro de 1924, em Bafata, cidade da região leste da Guiné-Bissau. É filho de Juvenal Cabral e de Iva Pinhel Evora. É um dos líderes africanos que participou na fundação da Organização da Unidade Africana (OUA), criada em 25 de maio de 1963 em Addis Abeba (Etiópia), cujo objetivo principal era o de libertar o continente africano das “garras” do colonialismo e do *apartheid*, bem como promover a emancipação dos povos africanos. Cabral também foi líder e fundador do Partido Africano para Independência de Guiné e Cabo-Verde (PAIGC), criada em 1956. É escritor, poeta e agrônomo. Cabral fez a sua formação em Lisboa, a sua residência era na casa dos estudantes de império em Lisboa onde viviam os estudantes africanos que estudavam na capital portuguesa. A maioria deles assumiu a liderança em movimentos africanos depois do regresso ao país natal. Amílcar Cabral sempre tinha na sua mente a luta contra o colonialismo português. Eram três as idéias principais no seu pensamento teórico: a defesa do pan-africanismo (solidariedade inter-africana); a construção de uma sociedade justa, dentro da linha de socialismo africano; e a unidade da Guiné e Cabo-Verde.

Em nossa pesquisa, encontramos o livro de Amílcar Cabral chamado “Análise de alguns tipos de resistência” e uma entrevista dele, onde discute a relação de domínio colonial, exigindo a liberdade para o povo da Guiné-Bissau. Durante a sua discussão, o autor passa a maior tempo discutindo a questão da identidade como fator principal de um indivíduo, afirmando que para se identificar com a sua realidade, em primeiro lugar, é preciso ser uma pessoa que tem a liberdade de expressão e viver livre no seu território, mas não viver submisso aos outros<sup>1</sup>. Com essa idéia, Cabral sempre promoveu a união nacional, vista como importante para a identidade da população da Guiné-Bissau e Cabo-Verde.

Amílcar Cabral (1979), em publicação póstuma de seus discursos durante a luta de libertação, defende uma relação entre a política e cultura, ou seja, defende que se entenda a cultura como a identidade de um povo e que os diversos grupos étnicos que estavam envolvidos no processo da luta de libertação nacional da Guiné-Bissau deviam ter como seu pano de fundo suas culturas e colocarem-nas em prática, mesmo estando na luta armada, para que não se perdesse a tradição (costumes) dos ritos da iniciação de cada grupo.

<sup>1</sup> Vide: <[http://www.youtube.com/watch?v=\\_O-obP3r6Hw&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=_O-obP3r6Hw&feature=related)>.

Com essa filosofia, Cabral conseguiu organizar vários grupos culturais durante o momento da luta pela independência para fazerem apresentações culturais no momento em que estivessem no cessar fogo. Estes grupos eram compostos por dançarinas, músicos, contadores das histórias djidius e chefes de tabancas (aldeias), que na sua maioria são de grupos étnicos diferentes.

Nessa fase, Cabral incentivou as pessoas a falarem as línguas nativas de cada um, propondo que, para que exista a unidade nacional, é preciso que cada um aprenda a língua do outro para facilitar a comunicação entre os combatentes guineenses, sem que os portugueses pudessem ter acesso a essa comunicação. Cabral, em seus discursos, adotava a prática política de chamar atenção dos seus combatentes para não desistir do objetivo traçado contra os portugueses: lutar pela libertação nacional.

Antes de começarmos a fazer uma coisa, devemos estudá-la bem, para sabermos se vale ou não a pena fazê-la e não começar a fazê-la para depois deixar. Isso é uma perda de energias, e esbanjamento. Ou então acontece que não se pode acabar. Mas quem não pode acabar uma coisa que começou a fazer, então está desgraçado na vida, não pode fazer nada. Temos que combater isso, camaradas. (CABRAL, 1979, p.95).

Mas é importante também apontar que, no momento da colonização, antes independência, havia a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa, porque os portugueses queriam divulgar a sua cultura e língua forçosamente para seus colonizados. Mas, na Guiné-Bissau, existia a resistência linguística muito forte devido à grande diversidade de línguas, e, conseqüentemente, de costumes locais. Mas os portugueses, na tentativa de manter a imposição da língua portuguesa, criaram um grupo de fiscalização chamado Polícia de Intervenção da Defesa do Estado (PIDE).

Em *Análise de alguns tipos de resistência*, Cabral expressa a idéia de que o crioulo e as outras línguas nativas da Guiné-Bissau (fula, balanta, papel e outras) precisam ser muito bem estudados e normatizados antes de serem ensinados. A escrita do crioulo variava muito de indivíduo a indivíduo (situação que é ainda presente na Guiné-Bissau, devemos acrescentar), o que levaria a uma ausência de padrão. Podemos citar um trecho da obra em que ele dá um exemplo dessa não-normatização: "Eu escrevo por exemplo, n'ca na bai. Um outro pode escrever por exemplo, n'ka na bai. Dá na mesma. Não se pode ensinar assim." (CABRAL, 1979, p.102)

O escritor condena o pensamento dos que acham que só são válidos os ensinamentos transmitidos em crioulo, devido à falta de exatidão contida nessa forma de ensinar. Para ele, o

português deixado pelo colonizador não deve ser julgado como mais uma marca de dominação para os guineenses, e sim como um bem que lhes foi concedido, já que uma língua é um instrumento de comunicação entre os povos: "Porque a língua é um instrumento, mas pode acontecer que tenhamos já uma língua que pode servir e que toda a gente entende." (CABRAL, 1979, p.106).

Para o autor, ensinar, comunicar, escrever em português não tornaria o indivíduo menos filho da terra ou menos patriota do que aqueles que julgam conhecer o crioulo a fundo. O importante é que se estabeleça comunicação de forma eficaz, e para isso, a contribuição do estrangeiro foi importante: "É a única coisa que podemos agradecer ao tuga, ao facto de ele nos ter deixado a sua língua depois de ter roubado tanto na nossa terra." (CABRAL, 1979, p.105).

O autor também defende que a população precisaria aprender a discernir o que vem do estrangeiro e é válido para o crescimento da nação e o que não é de fato. Pensamentos extremistas de aceitação ou recusa comprometeriam o andamento das mudanças sociais e da erradicação das diferenças culturais.

#### 4 O CASO DE ODETE SEMEDO

Maria Odete da Costa Soares Semedo, segundo o *site* da Associação GB-Contributo Cidadania<sup>2</sup> e o livro a *Djênia*, nasceu em Bissau no dia 7 de novembro de 1959, é doutorada em Letras na PUC de Minas Gerais, no Brasil. É professora de Língua Portuguesa na Escola Normal Superior Tchico Té e Professora colaboradora da Universidade Colinas de Boé, em Bissau. Coordenou, entre outras atividades, o projeto “Expansão e Melhoria de Qualidade do Ensino da Língua Portuguesa”, este projeto foi apoiado pela fundação Calouste Gulbenkian.

Odete Semedo foi Ministra da Educação Nacional, Ministra de Saúde e também presidente da comissão Nacional da Unesco-Bissau. Atualmente, está ligada ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), é consultora para áreas da Educação e Formação.

Poetisa, é autora do livro de poemas *Entre o ser e o mar* (1996); também publicou *Soneá – histórias e passadas que ouvi contar I e Djênia - histórias e passadas que ouvi contar II*, livros ensaísticos e de intervenção cívica. Além dessas produções, tem vários trabalhos publicados em várias antologias literárias, jornais e revistas especializadas, no estrangeiro e na Guiné-Bissau, de que são exemplos os trabalhos na *Anthologie de Literatures Francophones de l’Afrique de l’Ouest* (Paris, Editions Nathan, 1994), na revista austríaca *Sterz. Zeitschrift fur Literatur, kuns und kulturpolitik* (n. 71/72, Lusophones Afrika, Graz, 1996) e na revista *Tcholona – Revista de Letras, Artes e Cultura*.

Em entrevista, Semedo (SILVA, 2006) discute a questão da identidade como a fator fundamental para um indivíduo. Defende também que a questão da língua é um dos fatores que deve ser respeitado no que diz respeito às questões identitárias, sendo esta um dos elementos que define a nossa identidade.

Questionada, na mesma entrevista, sobre como são, historicamente, as relações entre a poesia e a política na Guiné-Bissau, a autora afirma que o papel da literatura é muito importante na sociedade guineense, pois ela teve a sua participação na sociedade durante o processo da luta da libertação pela independência do país (os autores dessa época usaram a poesia como uma arma “teórica” para denunciar os atos do colonizador). Veja-se, a seguir, afirmação da autora:

---

<sup>2</sup> Consulte: <<http://www.didinho.org/ODETESEMEDOBIOGRAFIA.htm>>.

Sabe-se que normalmente a literatura é uma das veias da vida da sociedade, então enquanto as coisas vão acontecendo, a literatura vai marcando também seus passos. Desde o momento da luta pela independência, a literatura, mais especificamente a poesia marcou um lugar de destaque, porque funcionou como uma literatura panfletária e através da poesia que os poetas, na altura dos anos 50 e 60, eram também líderes dos movimentos de libertação. Eles usaram a poesia como forma de denúncia do colonialismo como sistema e a poesia ficou conhecida, foi praticada dos anos 50 aos 70 como uma arma teórica, mas com ornamentos estéticos. (SILVA, 2006).

É importante ressaltar que Odete Semedo, como vimos, é uma escritora que reflete sobre questões identitárias, e, como escritora, a autora se identifica com a realidade sociocultural da Guiné-Bissau. Segundo a autora, a educação é um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento do ser humano, por isso defende a educação como o caminho mais certo para o desenvolvimento do país.

Para além da questão educativa, a poetisa preocupa-se com a realidade da língua.

Na Guiné-Bissau, diz ela, [...] para além das línguas usadas por cada um dos grupos étnicos, existe uma língua franca falada por cerca de 70% da população de todo o país, o crioulo de base portuguesa, e uma língua oficial utilizada na administração e no ensino, o português, dominado por cerca de 12 por cento da população guineense (in *A língua e os nomes na Guiné-Bissau*, 2003). (SILVA, 2011).

Podemos observar essa relação que ela vê entre identidade e língua em um dos seus poemas, intitulado “Em que língua escrever, então?”, publicado no livro *Entre o ser e o mar*, em 1996. O poema traz uma reflexão sobre a realidade linguística no país, em que convivem as línguas nativas, o crioulo e o português, a língua de prestígio e cujos falantes pertencem às elites guineenses (ver este poema citado no item 2.4).



## 5 OUTROS ESCRITORES

Em nossa pesquisa, encontramos outros dados sobre as práticas de escrita na Guiné-Bissau. É o caso de escritores em cujas obras, publicadas em sua maioria entre 2003 e 2010, encontramos uma reflexão crítica à situação vigente no pós-independência do país.

Vale a pena citar a contribuição do escritor Abdulai Silá. No romance *Última Tragédia*, tematiza-se a distância entre o mundo do colonizado e o do colonizador; o romance apresenta a vida da jovem Ndami na capital Bissau, mostrando a tensão provocada pela ingerência estrangeira como, por exemplo, os choques entre o administrador português do lugarejo e o chefe tradicional da tabanca - uma expressão guineense designada a povos de aldeia -, além de quadros que desvelam a vida tradicional do meio rural guineense, com seu apelo ao sagrado e ao mistério, sua hierarquia, a posição da mulher na vida cotidiana das aldeias antes da independência.

No romance, o escritor faz um retrato da dificuldade vivida pela sociedade africana logo após a independência. Seus personagens expressam constantemente o conflito gerado pelo contraste entre a tradição de seus antepassados e as novas tendências do mundo moderno. O escritor, através da sua ficção, retrata a distância entre o mundo do colonizado e o do colonizador: como foi difícil para a população se tornar independente, mas continuar se moldando ao estilo de vida europeu; ou as práticas cultivadas pelos colonizadores que não condiziam com a cultura africana.

Um exemplo dessas práticas é a questão de pagamento de impostos: uma realidade que a comunidade guineense, e a África de modo geral, não viviam, mas que foi implantada pelo colonizador durante a época da colonização. Quando os países africanos se tornaram independentes, continuaram a usar a cobrança de impostos nas comunidades, alegando que a prática é importante para o desenvolvimento dos países. Mas essa não foi uma prática aceita por todas as pessoas. Na Guiné-Bissau, a resistência de não pagar impostos foi grande, pois os régulos (chefes de aldeias) não permitiram que se continuasse com essa prática, alegando que uma pessoa natural da terra não deveria pagar imposto na sua própria terra.

Também é relevante citar, entre os escritos de Silá, a peça *As Orações de Mansata: Guiné-Bissau, Cena Lusófona*. O texto aborda vários assuntos que envolvem aspectos culturais, sociais, políticos e psicológicos da sociedade guineense; no âmbito das tradições sociais, cite-se a questão da poligamia. A obra também traz uma situação da realidade lusófona na África, fazendo

um paralelo entre os diversos países pertencentes à PALOP. É importante destacar que, apesar de tratar de aspectos relativos à lusofonia, é uma peça que foi levada ao palco em 2001; é uma bem sucedida versão sul-africana da tragédia *Macbeth*, com um elenco de autores negros, em que se coloca em foco a identidade Zulu no começo de século XIX.

Uma interpretação que fazemos da peça é que tematiza o desejo de possuir poder e o abuso do poder adquirido. Isso se confirma pelo fato de que, em todos os seis atos que constituem o texto, o “poder” aparece desde o primeiro ato - “Poder Blufo” (que significa poder não iniciado ou a pessoa que não fez circuncisão) até o sexto, “Poder em Índice”.

Nas práticas da escrita na Guiné-Bissau, podemos afirmar que o estilo de Abdulai Silá é revelador de modos de construção da identidade do sujeito guineense: usa o vocabulário das várias línguas nativas do país, o que de um certo modo mostra o conhecimento lingüístico e cultural do autor e, principalmente, reforça aspectos identitários dos grupos falantes dessas línguas. Podemos interpretar também esse uso como um modo de mexer com a curiosidade do leitor, levá-lo a tentar entender o que ele quer dizer com aquela palavra.

O escritor Abdulai Silá esteve na Faculdade de Ciências e Letras para falar sobre a literatura guineense, como participante convidado de um Serão Literário. Sua presença em nossa instituição permitiu que este pesquisador tivesse acesso à sua obra e pudesse fazer com o escritor uma conversa informal sobre as práticas de escrita na Guiné-Bissau.

Nessa conversa, Silá afirmou que a questão da literatura na Guiné precisa de muito incentivo para o desenvolvimento das práticas de letramento, sobretudo as práticas de leitura precisam de incentivo, porque existe um alto índice de analfabetismo no país, o que impede a divulgação dos textos literários. Esse incentivo não significa ignorar a literatura oral, que é mais praticada no país.

A oralidade é mais forte na sociedade guineense, a presença dela na sociedade se revela mais que qualquer estilo literário. A prova disso é a presença da música nas práticas culturais da população: atualmente, a presença da música na sociedade é muito maior que a da poesia, romance ou conto. Um indício dessa presença é o que encontra nos meios da comunicação em nossa pesquisa: nas rádios, jornais e TV, quando se fala de literatura, fala-se de uma forma superficial, o que mais encontramos são matérias sobre eventos e produções que envolvem atividades musicais.

Silá comenta que a produção de livros também está em uma situação precária no país, com poucas editoras, mas ele espera que a toda essa situação se modifique, pois o país está com novos projetos para desenvolvimento da educação.

Outro escritor contemporâneo cujas práticas de escrita podemos destacar é Marinho de Pina; escreveu um conto intitulado *Fogo Fácil*, publicado pela editora Ku Si Mon em 2006, com o patrocínio do Centro Cultural Português de Bissau e Instituto de Camões. No conto, o autor retrata uma realidade vivida entre um casal e irmãos que não são filhos do mesmo pai. O estilo do autor, em nossa interpretação, revela uma sábia mistura de um humor inteligente, uma pitada de tradição oral, outra de suave erudição literária, nunca pretenciosa, e a paixão pura pela retórica.

Um exemplo de humor inteligente é uso do conhecimento da área biológica, perceptível no trecho a seguir, em que o narrador fala sobre sua gestação e a de seu irmão gêmeo: “Éramos gêmeos monozigóticos; contudo durante a mitose não houve uma divisão imparcial, ele ficou com a melhor parte parecendo que os resíduos genéticos do DNA foram todos depositados nas células que me constituíram”. (PINA, 2006, p.12).

Na sua prática de escrita, o autor também traz uma pitada de tradição oral, construindo o seu estilo literário típico, ele também traz a linguagem oral e informal presente no dia a dia da comunidade: “Mésero, Miserável, usas o nome de Deus para encher essa tua pança mais redonda que o buraco do cu... Olhou para a cara dos adultos, viu desagrado nela, mas fez que não se preocupou; olhou para a nós e continuou: Cuculhocoroco.” / “[...Uma Mauser ou Mozer, sei lá como se escreve, só sei que causa danos a sério, e uma AK....]” (PINA, 2006, p.128 e p.185).

Outra obra que encontramos na pesquisa é uma coletânea das poesias de jovens guineenses, uma Antologia Poética Juvenil da Guiné-Bissau (Vol. I), intitulada *Traços no Tempo*. A antologia reúne escritos de vinte e três jovens autores da nova geração, sendo três do sexo feminino, a maioria vivendo no exterior (onze deles em Portugal, um em Londres e outro em Dacar) e o restante (dez) vivendo na Guiné-Bissau.

Consideramos que a participação dessas três escritoras nessa antologia juvenil é muito importante para a construção da imagem da voz feminina na literatura bissau-guineense. A presença delas nesta antologia retoma a voz da mulher na literatura, já presenciada durante a época da luta armada e na geração pós-independência, representada por Filomena Embaló, Odete Semedo e outras mais. Indicia-se assim que a mulher guineense tem participado da produção

cultural do país, em busca de seu direito de voz nas práticas culturais e políticas – apesar de ser um número reduzido em relação ao gênero masculino na antologia, acreditamos que o número é indício dessa construção identitária.

Os autores, nessa antologia, tomam por tema novamente a questão da identidade, tal como tratada pelos autores da geração pós-independência, reafirmando o movimento de busca de construção de identidade e o nacionalismo, em poemas tanto em português, quanto em crioulo, como se vê a seguir.

### **KU FRIU NA KORSON**

N mesti da nhá korson kosta na riu  
 Ma i ku dur ,  
 N mesti largau murkur-mukur  
 Na um parmanhã,  
 Ma i ku friu  
 Ku n’na dispidiu, nha flur  
 Pa n’soma um omi amanhã;  
 Sol ka na peran na ntudju  
 Ku si rabu di udju.

### **Alma gémea**

Inexistentes abraços imaginários  
 Efêmeros momentos  
 Alma minha gémea  
 Gemia na aflição

Escondido no vale do coração  
 Essa dor que tanto cortava  
 Quem diria, Oh jasmim que a mim pertencia  
 Nessa dor que cega e corroi

Quem saberia que gémea me eras  
 Minha alma, os teus dos ossos  
 Tal a gênese  
 Que a solidão acalma e a bonança anima  
 (Traços no Tempo, p.61-138).

Por fim, encontramos três contos da coleção *No Bai*, os três são escritos em crioulo e dois têm a tradução em francês: “Ami Ki Mas Tudu Jiru” e “Gera di Jintis de Riba”, o terceiro conto, “Lifanti ku Lubu”, tem a tradução em português. No primeiro é narrada uma história de poder, na qual quem é mais esperto assume a liderança; a lebre conversa com Deus e mostra que ele é o mais esperto de todos os animais, mas por fim acaba saindo como a mais esperta de todos e assume o lugar de chefe dos animais que estão na terra.

O segundo conto aborda a briga entre os povos “de baixo” e os povos “de cima”, quer dizer, os animais que voam contra os animais que não voam (o título “Gera di Jintis de Riba” significa a guerra de povos de baixo e os de cima). O lobo mostra que é o mais esperto, que sabe cavar a terra melhor que os outros animais, e afirma que os animais que têm quatro patas são mais poderosos do que os que voam (pássaros), porque estes só têm dois pés. Isso gerou uma discussão que acabou terminando com a briga entre os animais “de baixo” e “de cima”. O último

conto já mostra a competição de três animais pelo reconhecimento de sua esperteza: o leão, o elefante e a hiena.

A escrita desses autores, como exposto, se manifesta em crioulo, sobretudo nos poemas. Os vocábulos usados às vezes são das línguas nativas locais. Esse uso, acreditamos, reforça a questão da busca de uma identidade para a sociedade guineense, juntamente com o tratamento temático que se dá aos contos, poemas e romances. Também é importante reafirmar que, apesar de escrever em crioulo e nas línguas nativas locais, ainda existe, na maior parte das obras, o uso da língua portuguesa, isso porque o português é a língua de prestígio, dos colonizadores, cujo uso foi imposto; além disso, é preciso considerar que seu uso tinha cunho político para o líder Amílcar Cabral, como já exposto neste trabalho, o qual defendia que é importante o uso do português como língua de comunicação dentro da sociedade.

Nessa situação, constatamos que apesar, de ser uma língua estrangeira levada pelo colonizar, ganhou o espaço de uso na sociedade pelas elites, que acabam impondo esse uso a toda comunidade. A consequência desta imposição acabou prejudicando a sociedade na época, pois a maioria das pessoas que vinha das vilas não queria aprender essa língua devido ao ódio que tinha pelo colonizador. Mas a sociedade guineense privilegiada econômica e culturalmente, na época já aderiu à língua portuguesa como a forma de se comunicar com outros países, é o caso do líder da época Amílcar Cabral. Esse é o fato que vem sendo passado de geração em geração, e a maioria dos autores preserva a política de uso de língua defendida por esse líder.

Outro aspecto que devemos destacar, para finalizar este item, é que a escrita em crioulo restringe o público leitor da obra e sua divulgação – considere-se que poucos conhecem a escrita dessa língua, poucos de seus falantes são alfabetizados e poucos se interessam pela literatura. Devido a essa situação, muitas obras de autores guineenses são escritas em francês ou inglês, línguas de prestígio internacional, do “mercado”. Não concordamos com isso, sabemos que é preciso ganhar economicamente com as publicações das obras, mas esse não deveria ser o foco principal da prática de escrita do escritor.

## 6 CULTURA E LITERATURA EM JORNAIS GUINEENSES.

Ao fazer um levantamento dos dados sobre a prática de escrita dos escritores contemporâneos guineenses nos sites de informação do país, encontramos pouca matéria que fala sobre literatura. Apesar de que tenha havido o desenvolvimento do sistema da informação devido às inovações tecnológicas, o país adotou o sistema da publicação eletrônica há pouco tempo, exemplo dessa publicação são os seguintes *sites* dos jornais, rádios, e de publicações das obras: <www.jornalnopintcha.com>, <www.gumbe.com>, <www.radiojovem.info>.

Encontramos dois *sites* interessantes: do *Jornal No Pintcha* (2011) e da *Gazeta de Notícias* (2011).



**Figura 1-** Jornais digitais.

Estes dois *sites* tratam da questão da política, economia, desporto, educação, cultura e da realidade do dia a dia da sociedade guineense. Mas, nos dois jornais, não se escreve em crioulo, as informações publicadas nos *sites* são escritas em português. Isso não é inesperado, já que a política utilizada pelos colonizadores durante o período da colonização é que o português seria a língua utilizada nos meios administrativos, tanto pela escrita como na comunicação oral. Nessa época, era proibido falar ou escrever o crioulo nas instituições públicas. Nossa pesquisa confirma que o fato permanece até hoje na grande mídia impressa.

O que nos chamou atenção, durante a nossa pesquisa, é que, quando se fala da cultura nesses *sites*, só se trazem informações sobre danças, músicas, pinturas e outras manifestações culturais, não se fala muito sobre a questão da literatura (não é fácil encontrar publicações das

obras dos autores nestes *sites* ou resenhas de obras). Podemos questionar até quando a literatura será reconhecida na Guiné-Bissau como um dos fatores fundamental para a sociedade Guineense.

Essa ausência da literatura na mídia de referência do país não significa, necessariamente, que essa prática cultural não tenha tido um papel importante nessa sociedade; é preciso investigar seu papel nas diversas manifestações orais que estiveram e estão presentes nas práticas culturais guineenses. Em que medida ela se relaciona com danças, manifestações musicais, linguagens pictóricas etc? Algumas dessas práticas são arroladas a seguir, a título de exemplo.

Na cultura de um dos grupos étnicos da Guiné-Bissau denominado de Felupe, que ocorre no início e no final de ano, os ritos da iniciação estão ligados à dança, aos trajés, ao louvor aos mais velhos. Também a pintura corporal sempre é feita nas meninas que estão na fase de amadurecimento para o casamento. Durante essa fase, sempre se realizam as danças que também servem como o processo da comunicação ou de louvor aos seus Deuses.



**Figura 2-** Felupe.

Vejam-se alguns dos dados coletados na Figura 03:



**Figura 3-** Alguns dos dados coletados.



## 7 O IMPACTO DA MÚSICA NO CONTEXTO GUINEENSE

A música é fator importante na constituição da identidade do guineense (ver GUMBE, 2011). Ela teve uma contribuição preponderante durante a Luta de Libertação Nacional em Guiné-Bissau. Podemos arrolar as seguintes razões para tal fato ter ocorrido:

*a) Através dela o povo guineense tornou-se mais unido nos seus objetivos.*

Guiné-Bissau é um país que tem mais de vinte e sete grupos étnicos. Isto revela que este país tem uma concentração multicultural significativa. Ou seja, cada etnia tem sua cosmovisão diferente das demais. Às vezes, por causa destas diferenças culturais, infelizmente, já surgiram conflitos entre os populares guineenses, os quais resultaram nas perdas de vidas. Tudo isso por razões culturais.

Entretanto, ao longo do período da mobilização das massas populares para ao combate armado contra os colonialistas portugueses, que haviam dominado e explorado este povo, durante quinhentos anos, os integrantes do PAIGC (Partido Africano Para Independência de Guiné e Cabo-Verde) utilizaram a música como instrumento para promover a unidade entre etnias. Concentraram seus objetivos num único problema, que era a luta contra os colonialistas. Os *jidius* (pessoas que têm habilidade natural para cantar e tocar) foram instruídos a comporem músicas em crioulo, língua mais falada entre os guineenses, e outras línguas influentes no país.

A mensagem cantada atingiu o seu objetivo, mesmo sem meios de comunicação de grande alcance, as comunidades foram instruídas com muita facilidade mediante o uso da música. Rapidamente o povo aderiu em massa, respondendo ao apelo feito pelos combatentes da liberdade da pátria, cognominados pelos colonialistas portugueses de terroristas. Terroristas para eles, mas para os guineenses são heróis que deixaram mensagens de amor, de esperança para um povo que vive lutando pelo seu direito.

*b) Através da música, o povo guineense foi sensibilizado e encorajado a não ceder e não desanimar.*

Houve momentos em que não dava mais para prosseguir na luta contra os colonialistas. Isto porque, quando eles percebiam que estavam perdendo territórios, em vez de reforçarem suas

forças armadas e criarem novas estratégias de lutas, faziam o contrário. Maltratavam comunidades isoladas e desprotegidas. Cometiam genocídios, matando pessoas inocentes. Nestas e outras ocasiões, a música serviu de instrumento de consolação para firmar a esperança do povo perante o projeto. Uma das letras musicais que contribuiu para motivar crianças e idosos naqueles dias foram escritas assim: “Este é o meu lenço amarelo, bandeira vanguarda. Desta juventude heróica que um novo mundo está criando, para um povo que vive lutando”. Essas palavras ecoavam fortemente na memória das crianças órfãs, cujos pais tombaram nas frentes de combates.

*c) Através da música, o povo guineense confundiu a estratégia do inimigo e venceu a luta armada.*

Sendo a música um instrumento crucial na vida dos guineenses, ela foi usada em diferentes ocasiões para comunicar uma mensagem específica. Tem momentos em que as pessoas cantam, mas é para expressar seus sentimentos de alegria ou tristeza, para chorar no funeral de um jovem ou de um adulto. Cada melodia e signos eram acompanhados de figuras de linguagens difíceis de decifrar. Sua interpretação exigia o bom conhecimento do contexto do cantor, incluindo seu grupo étnico e sua comunidade local.

Tudo isso confundia os portugueses que tinham pouco conhecimento da realidade guineense. Os próprios combatentes, quando queriam fazer reconhecimentos dos quartéis portugueses, disfarçavam-se e entravam nas cidades como saltimbancos, perambulando de um lado ao outro, em busca de comida. Eles eram tidos como pessoas que não sabiam de nada e nem se preocupavam com a vida. Entravam nos quartéis portugueses, pediam sopas e outras comidas para depois dançarem em círculos. A partir deste momento uns faziam reconhecimento do local e em seguida, voltavam nos horários programados para atacar. Foram bem sucedidos graças à estratégia musical.

*d) Através da música, o povo guineense expressava sua valentia e esperança do seu futuro como uma nação livre da colonização e dominação estrangeira.*

Quando se fala da luta armada pela independência da Guiné e Cabo-Verde, não tem como não mencionar os principais heróis como Amílcar Cabral, João Bernardo Vieira,

Binhangarê Nantchanga, Batista Tagme Nauai, Osvaldo Vieira, Domingos Ramos, Titina Silá, Areolino Cruz, Canhe, N'Bana Cabra, Gazela, entre outras figuras, cujos nomes eram usados em cânticos que serviam de inspiração para encorajar os combatentes em diferentes frentes da luta e o povo em geral.

Os portugueses usaram vários tipos de materiais bélicos e estratégias brutais para intimidar os ataques dos combatentes guineenses, mas sem sucessos. Porque os *jidius* não deixaram de lançar cânticos que eram transmitidos nas emissoras portuguesas, que não conheciam o significado destas músicas, transmitindo assim mensagens de consolação aos heróis que são lembradas na história do povo que sonhou ser uma nação livre.

Assim, a música tem feito parte da vida dos guineenses. É por meio dela, em especial, que este povo consegue expressar quem ele é. Através de grupos de *manjuadadi*<sup>3</sup>, organizam-se encontros para se manifestarem solidários uns aos outros. Cantam e dançam para se divertirem, assim como para repensarem a vida e tomarem novos rumos ao futuro (veja-se o Anexo B).

---

<sup>3</sup> Palavra usada com muita frequência entre os guineenses para se referir ao grupo de pessoas da mesma faixa etária que se concentram em ocasiões especiais como funeral, festas, trabalho comunitário e festivais para compartilhar algo entre si.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada encontrou pouco material sobre as práticas de escrita guineense na mídia. Há poucas publicações impressas, poucos *sites* dedicados à prática da escrita e pouca referência, em jornais *online*, à literatura local.

Existem matérias impressas que falam sobre a literatura guineense, mas devido à limitação da nossa pesquisa (espaço de tempo restrito para coleta de dados, distância entre a sede da pesquisa e a realização das práticas pesquisadas), não conseguimos a maioria das obras desses autores, porque o sistema de armazenamento dos dados da mídia impressa da época não era de uma forma digitalizada. Esse processo de armazenamento digital está numa fase embrionária no país.

Apesar dessas limitações, conseguimos dados suficientes para afirmar que as práticas de escrita têm um papel importante na produção da identidade do sujeito guineense, pois têm sido relacionadas, em sua curta história, aos movimentos identitários e políticos. Podemos também afirmar que o uso das línguas nativas e do crioulo, nessas práticas, mesmo que de forma ainda pouco representativa, é indício da tentativa de construir, na escrita, uma identidade para o *eu* que redige e para o outro representado, identidade que tem sua raiz nas manifestações culturais do povo africano.

Com esses dados encontrados, acreditamos que a pesquisa realizada foi positiva, pois descobrimos informações sobre a cultura da Guiné-Bissau que são pouco divulgadas. Outro aspecto a ser destacado é que os materiais encontrados sobre literatura guineense têm mais a ver com o que os outros falam sobre as obras dos autores guineenses. Ou seja: no material coletado, podemos destacar que sua maioria não é escrita pelos próprios autores guineenses, mas sim, são estudos ou análises de pesquisadores de outros países que estudam os temas ligados à literatura guineense. Nesse sentido, acabam fazendo as análises das obras dos escritores da Guiné-Bissau sob seu ponto de vista. Em outras palavras: outras pessoas que não são guineenses se dedicam com paixão forte ao estudo da questão da literatura guineense e os próprios nativos estão no campo dos estudos literários em número reduzido. Uma hipótese para explicar esse fato é a pouca escolarização que predomina no país, consequência da exploração colonial e sua política elitista e preconceituosa aplicada ao país.

Mas, no caso da música, é diferente: a sociedade da Guiné-Bissau manifesta-se com muito mais frequência nessa linguagem. Nesse sentido, podemos afirmar que sociedade produz sua identidade sob o signo da oralidade, essencialmente.

## REFERÊNCIAS

CABRAL, Amílcar. **Análise de alguns tipos de Resistência**. Bissau: Imprensa Nacional Bolama, 1979.

EMBALÓ, Filomena. **Breve resenha sobre a literatura da Guiné-Bissau**. 2004. Disponível em: <[www.didinho.org](http://www.didinho.org)>. Acesso em: 20 jan. 2011.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Disponível em: <[www.gaznot.com](http://www.gaznot.com)>. Acesso em: 20 jan. 2011.

GUMBE: o ponto de encontro dos guineenses. Disponível em: <<http://www.gumbe.com>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

JORNAL NO PINTCHA. Disponível em: <[www.jornalnopintcha.com](http://www.jornalnopintcha.com)>. Acesso em: 20 jan. 2011.

PINA, Marinho de. **Fogo Fácil**. Bissau: Ku Si Mon, 2006.

RADIO JOVEM. Disponível em: <[www.radiojovem.info](http://www.radiojovem.info)>. Acesso em: 20 ago. 2011.

SEMEDO, Odete Costa. **Djênia: histórias e passadas que ouvi contar II**. Bissau: Inep, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Sonéa: histórias e passadas que ouvi contar I**. Bissau: Inep, 2000b.

SILÁ, Abdulai. **As orações de Mansata**: Guiné-Bissau: cena lusófona. Coimbra: Cena Lusófona, 2011.

\_\_\_\_\_. O livro como arma. **O Marrare**, Rio de Janeiro, ano 10, n.13, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.omarrare.uerj.br/numero13/erica.html>>. Acesso em: 21 out. 2011.

\_\_\_\_\_. **A última tragédia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SILVA, Luciano. Maria. Odete da Costa Semedo, uma alma inquieta da Guiné-Bissau. **Carta Maior**, São Paulo, 2006. Disponível em: <[http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=12094](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=12094)>. Acesso em: 25 jan. 2011.

### FONTES CONSULTADAS

AMI Ki Mas Tudu Jiru. Bissau: Ku Si Mon, 1994.(Contes Créoles de Guiné-Bissau).

AUGEL, Moema. **O desafio do escombros**: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CABRAL, Amílcar. **Documentário**. Lisboa: Cotovia, 2008.

GERA Di Jintis Di Riba Ku Jintis DI BAS. Bissau: Ku Si Mon, 1994.

LION, Lifanti Ku Lubu. Bissau: Ku Si Mon, 1997. (Colecção Kindin-kondon).

**ANEXOS**



## ANEXO A - ENTREVISTAS DE ALGUNS ESCRITORES GUINEENSES CONTEMPORÂNEOS

### 1. Maria Odete Semedo.

#### A poesia intimista

Representante da nova geração, Odete Semedo foi a primeira poeta a publicar, em 1996, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), um livro de poesia, intitulado *Entre o Ser e o Amar*. Nesta obra, encontram-se dois grandes temas, comuns a esta geração: o primeiro, expresso de forma muitas vezes indireta, trata das desilusões vinculadas à pós-independência e de todas as agruras que envolveram o país em formação (o que resultou na guerra civil de 1998/1999); o segundo, diretamente, manifesta-se na busca de uma identidade, de um eu que se vê dissolvido em mundo de contradições. Os versos de Odete revelam não só a tensão que permeia o período de mudanças, mas, também, a inquietude própria do indivíduo diante da existência. Neste sentido, o tema barroco *par excellence*, embora desprovido do formalismo rebuscado do Quinhentismo português, é a manifestação latente do seu fazer literário. Em cada verso, evidencia-se o clamor de uma alma cindida entre as necessidades práticas do mundo material e o universo lírico de sua poesia: é a mulher do dia-a-dia debatendo-se com o dia-a-dia das reflexões metafísicas.

#### As dobras da língua

Outro aspecto da poesia de Odete, comum a todos os que passaram pelos grilhões da colonização, é o questionamento e a reflexão acerca da língua e das suas diversificações: “Na Guiné-Bissau, diz ela, (...) para além das línguas usadas por cada um dos grupos étnicos, existe uma língua franca falada por cerca de 70% da população de todo o país, o crioulo de base portuguesa, e uma língua oficial utilizada na administração e no ensino, o português, dominado por cerca de 12 por cento da população guineense” (in *A língua e os nomes na Guiné-Bissau*, 2003).

Segundo Albert Memmi, no livro *Retrato do Colonizado*, com o prólogo de Jean-Paul Sartre, de 1966, que trata da colonização francesa na Argélia, a imposição da língua do colonizador provoca, intelectualmente, uma secção na personalidade individual e coletiva e que dificilmente pode ser superada, pois o conflito manifesta-se em todas as áreas da vida social do colonizado. Assim, terá ele que lidar com “uma língua doméstica, a materna, para as relações amorosas, a família e a amizade, e outra língua, a do dominador, para os usos administrativos (...)”.

#### Em que língua escrever, então?

Odete Semedo evidencia este conflito ao apresentar os poemas que compõem *Entre o Ser e o Amar* em duas versões: o português e o crioulo. Se por um lado a poeta está inserida na cultura portuguesa, por outro a sua memória está profundamente fincada no solo da tradição, da sua terra, da sua cultura. Entretanto, no texto *Língua Esvoaçante*, a multiplicidade lingüística deixa de ser o foco principal da questão e a língua, enquanto tal, é concebida sob os seus diversos aspectos. Se isso não resolve a questão, e essa irresolução é muito mais significativa para a poesia, ao menos traz à tona o carácter simbólico e transitório da língua, sem que a sua função primeira, isto é, a transmissão de vivências, seja alienada. Pois, se a “língua nasceu solta e desenvolta”, se “Nasceu virada para fora de si, irmanada com os lábios, os

dentos e as cordas vocais que lhe deram a fala, a música, o grito e o silêncio, próprio da caverna onde livremente se encontra enclausurada”, se “A língua serve-se dos olhos, de tudo ao seu alcance e fora dele para, sem papas, testemunhar a nossa relação com a vida”, então “a língua não se importa que a façam voar em vozes e falas, que a enrolem em pergaminhos, folhas simples ou papel reciclado”, pois “o certo é que em silêncio ela grita e mesmo quando, inseguros, nela deitamos a mão... questionando... a língua é sempre testemunha”.

Sim. A língua é sempre testemunha dos percalços e desventuras, da união e da segregação, dos mais íntimos confins do poeta e do seu entorno, dos silêncios que em muitos casos dizem muito e da verbosidade desenfreada que, se não diz tanto, ao menos alivia a alma. A língua, essa inquieta forma de manifestação do Ser, é a representante maior da fissura existencial. Assim, a questão sobre em que língua escrever é facilmente superada, pois, seja em português ou em crioulo, o testemunho estará guardado, “as declarações de amor” atingirão os corações, “As histórias que ouvi contar” serão recontadas, e os feitos “das mulheres e dos homens do meu chão” estarão registrados e disponíveis às lembranças das gerações futuras.

**Maria Odete da Costa Semedo** licenciou-se em línguas e em literaturas modernas pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade nova de Lisboa. Professora da língua portuguesa, foi Diretora da Escola Normal Superior “Tchico Té”. Coordenou, entre outras atividades, o Projeto “Expansão e Melhoria Qualificativa do Ensino da Língua Portuguesa” apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Foi Ministra da Educação Nacional e Presidente da Comissão Nacional da UNESCO-Bissau. É atualmente Ministra de Saúde Pública e Consultora do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP) para as áreas da Educação e Formação. 1971/1972: publicou na revista *Zeitschrift für literatur, kuns and kultur politik losophones Afrika e Giraz*. 1996: publicou o livro de poesia *Entre o ser e o amor*, além de diversos trabalhos em várias antologias literárias, jornais e revistas especializadas (no exterior e na Guiné-Bissau): *Antologie de Literatures Francophones de L’Afrique de L’Ouest*, Paris pela Editions Nathan e na revista austríaca *Sterz*. Participou da fundação das revistas *Tcholona Artes e Cultura* onde publicou ensaios de intervenção cívica. 2000: publicou dois volumes de histórias oriundas de pesquisa oral respectivamente, *Soneá e Djênia*. O primeiro foi editado em Bissau, pela Editora Escolar, e marca a sua estréia na ficção. 2003: recebeu o prêmio, na categoria escritor, de personalidade que contribuiu para o desenvolvimento global da Guiné-Bissau. Publicou os artigos “A língua e os nomes na Guiné-Bissau” e “Língua Esvoaçante”.

(\*) **Luciano Silva** é Bacharel em Filosofia (UFRJ), Mestre (PUC/Rio), escritor co-fundador da Bagatelas! ([www.bagatelas.net](http://www.bagatelas.net)) e professor de Literatura Brasileira.

### Na teia:

Conheça **LUSOFONIA**, a nova coluna da Carta Maior, destinada ao universo das artes produzidas em língua portuguesa fora do Brasil. Resenhas, críticas, artigos, reportagens, entrevistas, crônicas e notas sobre literatura, música, teatro e cinema produzidas em Angola, Cabo Verde, Galiza, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, produzidas por acadêmicos, críticos e jornalistas especializados.

Fonte: < [http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=12094](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=12094)>.

## "Entre o chão do Brasil e da África" - Entrevista: Maria Odete Semedo

3 de outubro de 2006

*Para reafirmar a aproximação entre África e Brasil, tema da próxima Bienal de Arte e Cultura da UNE, o EstudanteNet conversou com a Maria Odete Semedo, ex-ministra da Educação e da Saúde de Guiné Bissau e também escritora. Semedo é uma intelectual africana consciente e otimista, que acredita no futuro do continente: "É preciso que haja uma visão maior sobre a necessidade que a educação e a saúde têm, é entender a educação e a saúde como uma cascata. Elas vão chovendo e dando origem a vários riachos", ressalta.*

*Guiné Bissau, uma das ex-colônias portuguesas na África, comemorou recentemente 33 anos de independência. Lá estão algumas das sementes de formação do povo brasileiro, mas, hoje, sendo um dos países mais pobres da África, Guiné não é muito conhecida para nós. "Eu estudei a geografia do Brasil na escola", revela a escritora que, durante a entrevista, falou também sobre a identidade afro-brasileira, os desafios do continente africano, política e arte. Na opinião de Semedo, o caminho da aproximação África Brasil é a cultura.*



**Conhecendo tão bem o modelo educacional de Guiné e hoje vendo o brasileiro, há como apontar similaridades, desafios em comum?**

Lutar para que possamos todos os países diminuir a pobreza. Como existem as favelas aqui, temos lá as "tabancas" que vivem no limiar da pobreza, e isso conduz as crianças e jovens ao submundo, isso é igual em todo mundo. Acho que a luta é pela escolarização do maior número da população em idade escolar possível. E quando falo no direito da educação, não é aquele direito da criança ir à escola hoje e desistir amanhã, é criar condições para que ela possa permanecer e sair com algo que dê para construir seu projeto de vida, participar na vida ativa. Eu acho que nem todo mundo vai ser doutor, nem isso é possível, porque temos de ter profissionais da mecânica, da carpintaria, da eletricidade e não precisamos de doutores pra tudo isso. Vamos ter doutores em várias áreas de especialidades, a medicina, a biologia, os estudos científicos, estudos sobre vacinas para várias doenças com que o mundo se depara. Temos que criar condições para formar esses cientistas, mas não nos olvidarmos de que não há nenhum país que se faz só com a cúpula. É a base, a construção de uma nação tem que ter seu operário, temos que ter pessoas que vão trabalhar na limpeza, temos que ter educadores da infância, não pode ser todo mundo professor universitário. Criar esse equilíbrio é um desafio.

**Há uma lei, a 10.639, de 2003, que obriga o ensino da História da África e da cultura Afro-Brasileira nas escolas de ensino médio e fundamental do Brasil. O que a senhora acha dessa iniciativa?**

Eu acho que antes de ser uma forma de intercâmbio, é uma aposta que o Brasil faz em si próprio, porque se abre para conhecer a si mesmo e também abre-se para o resto do mundo. Eu estudei a geografia do Brasil. Antes de vir para cá já conhecia os 27 estados, qual o estado tem mais ouro, tem mais pedras preciosas etc. Acho que a iniciativa da lei é muito boa porque para o Brasil vai ser uma novidade, mas para nós vai reforçar muita coisa, laços que já temos. Nós estudávamos o Brasil como uma das paragens do tráfego negreiro, o reino do Brasil com Angola, os escravos que vinham da costa africana, das zonas do rio Cacheou, na Guiné. Nós aprendíamos o que acontecia com eles e éramos ensinados a repensar a rota e tentar descobrir onde estariam os guineenses no mundo, tanto na América do Sul como na América do Norte e em Cuba.

**Pesquisando um pouco sobre a vida da senhora, encontramos muito mais relações com a poesia e a literatura do que propriamente com a atividade pública. Como são, historicamente, as relações entre poesia e política em Guiné Bissau?**

Sabe-se que normalmente a literatura é uma das veias da vida da sociedade, então enquanto as coisas vão acontecendo, a literatura vai marcando também seus passos. Desde o momento da luta pela independência, a literatura, mais especificamente a poesia marcou um lugar de destaque, porque funcionou como uma literatura panfletária e através da poesia que os poetas, na altura dos anos 50 e 60, eram também líderes dos movimentos de libertação. Eles usaram a poesia como forma de denúncia do colonialismo como sistema e a poesia ficou conhecida, foi praticada dos anos 50 aos 70 como uma arma teórica, mas com ornamentos estéticos. Com o passar do tempo, essa poesia foi tomando outros contornos, já era tempo de paz, já era a busca pelo progresso, desenvolvimento, a poesia e a literatura vão ganhar outro corpo e outros elementos mais estéticos do que políticos, vai deixar de ser panfletária para ser já aquele construto em que se busca não uma verossimilhança, uma quase verdade, mas acima de tudo a questão do ambiente, do amor, da mulher, da criança, outros temas.

**E como foi a trajetória que levou a senhora à vida política do país?**

Eu trabalhei ainda jovem, sem ganhar nada, na alfabetização de adultos, era um trabalho militante, no bairro onde eu vivia. Chamávamos aquilo de brigada, mesmo que você tivesse 12, 13 anos, mas já pudesse distribuir cadernos, orientar as pessoas que iam lá, já podia participar desse exercício de conscientização. Era todo um conjunto de política misturado com a vida social. Eu comecei, nessa época, a escrever de brincadeira. Você quando tem um mal de amor, está apaixonado, escreve e, normalmente, as meninas têm sempre um diário. Então eu fui escrevendo assim a brincar. Mas quando era o dia do estudante, o dia da mulher, no liceu, nós fazíamos sempre saraus culturais e eu aparecia pra declamar meus poemas, alguns de minha autoria, outros de autores conhecidos como Amílcar Cabral, Vasco Cabral. Um dia alguém me contactou pedindo para publicar meus trabalhos. Foi assim que nasceu a poetisa. Escrevi um livro de poesias, dois livros de contos, algumas coisas na prosa também. Hoje já tenho quatro obras publicadas. Em 1997 eu fui chamada pela primeira vez para ser ministra da educação, nessa altura eu já tinha sido professora e diretora de uma escola superior de educação, onde trabalhava com um grupo de professores. Através da minha articulação eu fui chamada para dirigir o ensino a nível nacional. Já era filiada a um partido político o Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e de Cabo Verde (PAIGC), que é o partido histórico, que fez a luta pela libertação. Houve muitos dissidentes e novos partidos foram criados após a independência, mas eu acreditava que, para fazer as mudanças no perfil educativo do país, precisávamos trabalhar dentro do partido, tentando lá dentro fazer com que a cúpula aceitasse a juventude como forma de renovação. Acabei chegando ao ministério alguns anos depois.

**Percebe-se uma falta de vontade política dos países industrializados para lidar mais acirradamente em apoio à África em questões relativas à Aids, à Fome, à mortalidade infantil etc. A senhora acredita que esse descaso é proposital?**

Afirmar isso simplesmente é grave, seria como especular, mas já houve estudos que não foram publicados sobre a questão da Aids, as altas taxas de natalidade, as altas taxas de desemprego como justificativas para não cuidar da África. Isso é de uma atrocidade sem igual. Se vocês se lembrarem da história do Brasil, sabem que quando há uma raça que não agrada, o ser humano acaba arranjando uma maneira de tirar a responsabilidade sobre ela de seus ombros. Só posso fazer esse vago comentário. Ninguém sabe, mas acho que, havendo uma vontade política em nível mundial, nos já teríamos avançado alguns passos e estaríamos em outro estágio para a África. É como a luta contra a tuberculose, que já matou grande parte da população na Europa, mas a ciência trabalhou ao ponto de que hoje a tuberculose pudesse ser tratada.

**Qual é hoje a realidade da Universidade Africana? O que falta a ela?**

A grosso modo faltam meios e dinheiro. Para ter uma boa universidade você precisa de bons laboratórios, você não pode ter uma escola nacional, um instituto politécnico sem infra-estrutura. É preciso dinheiro, não só uma vontade interna do Estado. Porém, é preciso que outros países, que sabem que a educação num sentido amplo é um investimento, a muito longo prazo, colaborem. Aquilo que você vai ter como resultado do investimento em educação não vai aparecer amanhã nem depois. Mas é preciso levar em conta que há um efeito multiplicador da educação, o desafio é levar isso ao entendimento dos parceiros internacionais. Eles preferem investir na área do carvão, da bauxita, da prospecção do petróleo, porque há um lucro fácil nas mãos. É como se a saúde e a educação ficassem como uma flor de lapela, mas uma flor natural, amanhã ao fim do dia morre. Todos governantes dizem que a primeira prioridade é a educação, mas na prática a economia, a soberania, e as forças armadas ficam com uma parte maior do bolo. É preciso que haja uma visão maior sobre a necessidade que a educação e a saúde têm. É entender a educação e a saúde como uma cascata, vai chovendo e vai dando origem a vários riachos. Acho que as universidades africanas hoje, mais do que ontem, quando estavam ainda a nascer, a serem mais como escolas técnicas, estão precisando de investimentos de verdade.



**Nosso imaginário sobre a África é muito limitado, envolve quase somente idéias de pobreza, doença e pouco desenvolvimento. Como Brasil e África podem estreitar os laços para atualizarmos essa visão?**

Acho que é através da Cultura. Acredito que esse é um caminho que podemos percorrer para integrar os países, mesmo estando à distância, mas lembrando que a proximidade é inegável. Quando digo da Cultura, não é simplesmente na música, na literatura, que por si já precisam ser conhecidas. Acredito que os dois países podiam realizar festivais de gastronomia, de tecelagem, artesanato, conhecendo a vida das populações, as mulheres que se obrigam a fiar, que tem um dialeto próprio, um jeito de agir, de se vestir, tudo isso é cultura. Para mim, isso é muito relacionado ao chão, ao chão onde pisamos. Em Guiné, quando vamos visitar uma região do país, não a chamamos pelo nome, chamamos o nome do chão. Por exemplo, dizemos: "Estou viajando para chão dos Manjacos", porque os Manjacos são o povo que mora naquela região. Eu mesmo digo que sou do Chão de Papel, pois a etnia da minha região são os Papéis. Agora estou aqui no Brasil, no chão dos mineiros. Acho que isso é cultura, vocês poderiam pensar muito no chão e descobrir aí a proximidade com o continente africano.

**Artenius Daniel**

**Leia outras matérias do "Especial Brasil-África":**

Brasil-África: um encontro dentro da Universidade:

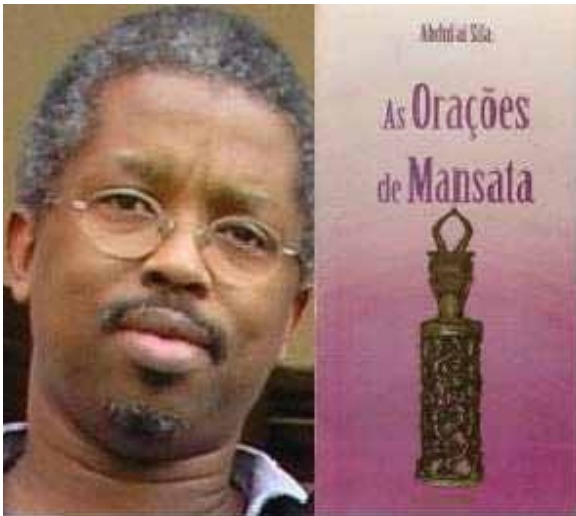
<[http://www.une.org.br/home3/opinioao/entrevistas/m\\_5443.htm](http://www.une.org.br/home3/opinioao/entrevistas/m_5443.htm)>

## 2. Abdulai Silá

### O LIVRO COMO ARMA Entrevista com Abdulai Sila

Érica Cristina Bispo

[bispoerica@gmail.com](mailto:bispoerica@gmail.com)



Abdulai Sila nasceu em Catió, na Guiné-Bissau, em 1º de abril de 1958. Após a proclamação da independência, em 24 de setembro de 1973, participou das brigadas de alfabetização, sob a orientação de Paulo Freire. Formou-se em Engenharia Electrotécnica pela Universidade de Dresden (Alemanha) e dedicou-se aos estudos das Tecnologias de Informação e Comunicação, tornando-se empresário nessa área. Junto com Teresa Montenegro e Fafali Kouduwa fundou a primeira editora privada guineense: a Kusimon Editora. Participou da fundação da revista *Tcholona* e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa/INEP na Guiné-Bissau.

Começou a escrever motivado por uma professora do Liceu onde estudou. Ao publicar três romances, em quatro anos, deu início a carreira como ficcionista. Sua obra hoje transita por vários gêneros. Começou com os romances *Eterna Paixão* (1994), *A última tragédia* (1995) e *Mistida* (1997). Produziu contos para *Contos da cor do tempo* (2004), livro comemorativo dos dez anos da editora Kusimon. E, recentemente, enveredou pelo gênero dramático, com a publicação de *As orações de Mansata* (2007). Tem obras publicadas em Cabo Verde, na França e no Brasil.

Além de ficção, Sila tem textos publicados em revistas de diversos países sobre economia, política, educação e desenvolvimento social.

Um traço curioso do escritor é a pronúncia de seu sobrenome, que é uma oxítone (Silá). A fim de transgredir a língua, o autor optou por ferir a regra e tirar o acento. A transgressão à língua é um dos traços de sua escrita, que mescla a língua portuguesa ao crioulo e às demais línguas nacionais da Guiné-Bissau, ora apresentando vocabulário, ora ignorando o leitor exógeno. A entrevista foi feita em duas partes. Algumas respostas foram dadas no final de 2009 e outras em setembro de 2010. Na conversa, há a tentativa de esclarecer algumas questões acerca da função da escrita

num país como a Guiné-Bissau, onde mais de 40% da população é analfabeta. Além de discutir o primeiro romance guineense, *Eterna paixão*, publicado apenas na Guiné-Bissau e em Cabo Verde.

- 1 -

**Érica Bispo:** No lançamento da edição brasileira de *A última tragédia*, você mencionou seu encontro com Paulo Freire. A educação e a figura do Professor (com letra maiúscula, como em seus livros) são constantes em sua obra. Por que tamanha reverência ao trabalho do magistério e à importância da educação?

**Abdulai Sila:** Acho que foi em 1976 que tive a ocasião de conhecer Paulo Freire. Eu fazia parte (de fato era o chefe) de uma Brigada de Alfabetização, que tinha por missão ensinar a ler e escrever aos nossos concidadãos mais velhos. Pessoalmente, achava e continuo a achar uma grande injustiça uma criança não ter a oportunidade de ir à escola. Como tinha familiares que foram vítimas dessa injustiça e tinha a consciência de que a construção do país requeria o envolvimento de todos, cada um dando o melhor de si (o que requeria certo nível de instrução), pus muito entusiasmo na alfabetização de adultos. O método de ensino que adotamos foi o que o professor Paulo Freire desenvolveu. Não era só o ler/escrever que estava em causa, mas todo um processo educativo, que desembocava na capacitação do concidadão para a assunção cabal das suas responsabilidades, para o exercício pleno da cidadania. E podes imaginar qual é uma das minhas maiores decepções? Quase trinta anos depois, esse objetivo tão nobre continua sendo uma miragem.

**Érica Bispo:** Num país em que poucos são os alfabetizados e em que o livro é um objeto de luxo, por que ter uma editora e escrever?

**Abdulai Sila:** Antes de mais, gostaria de dizer que esta questão é legítima. Ela faz tanto sentido que eu tenho tido que lidar com ela no meu dia a dia. E a resposta situa-se a dois níveis distintos.

- 2 -

A nível pessoal a explicação é esta: tudo o que faço em termos culturais (escrever ficção, contribuir para a existência de uma editora de obras literárias etc) enquadra-se naquele conjunto de coisas que simplesmente *gosto de fazer*. Faz parte das atividades geradoras não de dinheiro ou de qualquer outro benefício material, mas que proporcionam imenso prazer. Fazendo parte daquilo que efetivamente *gosto de fazer*, essas atividades são, como acreditava o meu pai, imprescindíveis a essa indescritível sensação de realização. E essa realização pessoal, numa primeira etapa, adquire uma dimensão coletiva e extraordinária quando se tem em conta que, como você disse, poucos são os meus concidadãos que sabem ler ou se podem dar ao luxo de comprar um livro. E sabe por quê? Apesar da triste e anômala situação decorrente do fato de tanto o Governo como o Parlamento contar com elementos com capacidade muito limitada em termos de leitura/escrita, há um consenso a nível do povo em torno do valor e utilidade de se ser alfabetizado. Assim, se continuamos a ter uma taxa inaceitável de analfabetos é porque algo está errado. E esse *algo* vem de há muito tempo. Devo talvez lembrar que o meu primeiro emprego foi na alfabetização. Sempre achei que uma das maiores injustiças praticadas pelo colonialismo português foi justamente ter deixado tanta gente fora do sistema educativo, reduzindo dessa forma a sua possibilidade de promoção individual e coletiva. Trinta e cinco anos mais tarde constatar que essa injustiça continua sendo praticada é deveras frustrante! Nesse contexto, torna-se dever de cidadão intervir de modo a que essa injustiça seja banida. E o primeiro passo nessa direção é fazer com que esse *algo* a que me referi anteriormente como estrangulamento seja paulatinamente eliminado. Publicando contos tradicionais, em línguas locais, estaremos a “banalizar” (no sentido positivo) o livro e, por essa via, a ganhar adeptos para a leitura e a promover, naturalmente, a alfabetização. Quebrar esse mito construído ao longo de muito

tempo acerca do livro, revelar autores locais, que escrevem sobre temas locais, resgatar essa vasta herança cultural veiculada oralmente e promover a sua mais ampla divulgação através do livro são, na minha opinião, algumas das formas mais eficientes de quebrar esse *algo* que tem impedido que houvesse um maior interesse e empenho das nossas populações em serem alfabetizadas.

- 3 -

**Érica Bispo:** As palavras “recordar”, “lembrar” e suas cognatas compõem os três romances, sempre que se inicia um *flashback*. A memória dos acontecimentos factuais influenciou sua escrita?

**Abdulai Sila:** Sim, e muito! Já falei de alguns antes, isto é, de acontecimentos que afetaram sobremaneira a vida dos da minha e de outras gerações e que a gente não pode ignorar. Num momento em que tudo parece falir, em que esse edifício novo, que prometemos construir com nosso calor e com nossa inteligência parece desmoronar, pode ser útil lembrar que passamos por situações idênticas – ou até piores –, mas que conseguimos sempre ultrapassar. Para alcançarmos os objetivos coletivos que almejamos como nação, temos que proceder a mudanças, sobretudo a nível cultural. Uma mudança cultural baseada não nos valores que hoje prevalecem, mas naqueles que, por vários motivos, tendem a ser banalizados. Então, é preciso lembrar, ir buscar na nossa História os ingredientes, os valores morais, a motivação, de que hoje tanto necessitamos para levar de vencida as complexas tarefas que este momento histórico menos favorável nos coloca.

**Érica Bispo:** Na entrevista à Fernanda Cavacas, que abre a edição caboverdiana de *Mistida (trilogia)*, você afirma que viveu intensamente a guerra. Você era bem novo durante a guerra. Eu gostaria de saber sobre essas suas lembranças da guerra.

**Abdulai Sila:** Não é fácil para mim falar da guerra de libertação. As minhas lembranças são horríveis! Perdi o meu melhor amigo de sempre, o meu irmão Idrissa, que numa manhã de fevereiro de 1972 foi gravemente ferido. Tinha na altura oito anos de idade, ficou paraplégico, viveu mais 6 anos. No mesmo dia, uma outra irmã minha, que tinha 10 anos, perdeu uma perna. Ela era a melhor futebolista de Catió... podes imaginar como foi a vida dela depois? O meu pai morreu pouco tempo depois em consequência do choque que teve ao ver metade da família a sangrar. A minha mãe foi quem aguentou mais, mas perdeu a alegria da vida. Tomou conta do meu irmão paraplégico. No dia em que ele morreu, ela passou a ser muito mais reservada. Quase que não falava com ninguém... Bem, tudo isso é o resultado de uma bomba, que caiu em frente de casa. Antes e depois desse dia houve muita coisa que aconteceu.

- 4 -

Vi muita gente morrendo na sequência de ataques e bombardeamentos. Convivi com muita gente que sofreu, no corpo e na alma, os efeitos da guerra. Saí de Catió tinha doze anos para frequentar o Liceu, em Bissau. Mas ia todos os anos, no fim de cada trimestre, a Catió para estar com a minha gente. Tendo começado em 1963, quando tinha 5 anos, a guerra só acabou em abril de 1974, pouco tempo depois de eu completar os 16 anos.

**Érica Bispo:** O romance *Eterna paixão* é dedicado a seu irmão Idrissa. Como, em sua opinião, o enredo do romance o homenageia?

**Abdulai Sila:** O enredo em si não tem a ver com Idrissa, que faleceu quando tinha menos de 14 anos de idade. Devo esclarecer que, embora sendo o primeiro livro que consegui publicar, *Eterna Paixão* não é o primeiro que escrevi; e acontece que cada um dos anteriores já tinha uma dedicatória própria. Dedicar esse livro a Idrissa pode ter sido a forma que me ocorreu na altura de manifestar publicamente essa enorme



cumplicidade que existiu — e sempre vai existir — com aquele que continua sendo meu melhor amigo. Vendo as coisas de um outro ângulo, acho que há um elemento comum que caracteriza as duas personagens (a real, Idrissa, e a fictícia, Dan), que se pode resumir nisto: uma enorme paixão por uma vida plena de adversidades.

**Érica Bispo:** *Eterna Paixão* costuma fisgar os leitores, quanto eles compreendem o contexto guineense, em que a desilusão da não concretização do sonho nacional idealizado e discursado durante os anos de luta armada. O romance traduz um pouco disso, denunciando a corrupção e apontando caminhos possíveis?

- 5 -

**Abdulai Sila:** Não posso esconder que quando iniciei a construção do enredo (já lá vão duas décadas), já era previsível o marasmo em que se encontra hoje o meu país. Já havia provas reais de que o “espírito da luta” já não existia mais, que os nossos concidadãos, que ontem abnegadamente participaram na concretização daquilo que para mim foi o maior feito deste povo no século passado – acabar com a colonização, aprofundando o processo de construção daquilo que Amílcar Cabral chamou de “Nação africana forjada na luta” –, estavam incompreensivelmente a enveredar por uma via em todos os sentidos oposta àquela que tinha sido anunciada. Estava acontecendo tanta coisa, tão nociva quanto ininteligível, assistia-se ao desmoronar de tantos sonhos “legítimos”, assistia-se a um desfazimento cada dia maior entre o discurso político e a prática diária, que entendi por bem ir buscar alguém de fora, (nesse caso Dan), carregado de uma boa dose daquilo que hoje se pode chamar de utopia, mas que no contexto da época era absolutamente exequível, para encarnar toda a desilusão e frustração que o cidadão comum sentia. Mas mais do que denunciar essa calamidade e ridicularizar os seus principais protagonistas, era necessário passar uma mensagem positiva, de fé e de esperança. É minha convicção que a literatura pode, sem ser doutrinária nem tão pouco estereotipada, contribuir para a mudança cultural que se impõe, sem a qual continuaremos por muito tempo fazendo tanto mal a nós mesmos.

**Érica Bispo:** Daniel é uma personagem que se parece com muita gente. É engenheiro, como você; trabalha no Ministério de Agricultura, como sonhava Amílcar Cabral; se torna professor no modelo de Paulo Freire; ensina, entre outras coisas, a aldeia a se tornar autossustentável, como um dos ideais de Cabral, relativos ao fim da fome. O que você pode falar sobre isso?

**Abdulai Sila:** Tem razão, Dan se parece com muita gente, sobretudo com gente da minha geração; uma geração que viu concretizado um sonho secular, que tem um compromisso com a História; uma geração que tem o orgulho ferido, mas que não abdica de lutar por aquilo em que acredita.

**Érica Bispo:** A descrição em seus romances é extremamente minuciosa. Elementos como “Land Cruiser”, “cerveja Cicer”, “sofá de couro”, “quadros surrealistas”, “livros de diferentes políticos africanos”, “blusa branca de seda” etc certamente não estão nos romances para “preencher espaço”. Para quem não vive, nem viveu na Guiné-Bissau, é um pouco difícil entender certas alusões. Você pode explicar algumas?

- 6 -

**Abdulai Sila:** Há certas situações caricatas que foram vividas neste país e que deixaram marcas, em vários aspectos, incluindo no léxico corrente. Por exemplo, na altura em que todos os governantes e dirigentes políticos tinham viaturas da marca Volvo, falou-se de “volvocracia” para se referir a toda essa gente e/ou ao regime estabelecido. São vários os termos e expressões que entraram na linguagem corrente, alguns deles pejorativos, aos quais convém, às vezes, fazer recurso não só para descrever os fatos e o ambiente em que ocorreram, mas também e sobretudo para denunciar certas práticas e opções, ridicularizando-as, revelando quão absurdas eram.

**Érica Bispo:** Você hoje colabora com o desenvolvimento do país através na sua empresa Sitec, que é uma das maiores firmas do país e especialista em serviços eletrônicos. Sitec é a tradução da sua *Eterna paixão*?

**Abdulai Sila:** Talvez. Sabe, uma das maiores lições que aprendi do meu pai é esta: “*um ser humano tem que fazer duas coisas na vida para se sentir realizado: o que tem que fazer e o que gosta de fazer*”. A Sitec é aquilo que tenho que fazer. Não posso negar que nela também há muita coisa que faço por gosto, mas essencialmente é das tais coisas que *tenho que fazer* para ganhar o meu sustento. Eu procuro as coisas que gosto de fazer em ações menos visíveis, aparentemente mais banais. E isso está essencialmente na área da Cultura, não tanto da Tecnologia. É evidente que dá um certo prazer provar a si próprio, nas lides diárias e nas realizações a nível técnico e profissional, que, apesar de todo o ambiente desfavorável em que operamos, conseguimos competir em pé de igualdade com qualquer pessoa ou empresa em qualquer parte do mundo numa área tão exigente e complexa; é também verdade que, através daquilo que *tenho que fazer* na Sitec, posso recorrer a essas mesmas realizações, nessa incessante batalha de “educar pelo exemplo” que aliás bem cedo aprendi com o professor Paulo Freire, para tentar convencer aos meus concidadãos mais jovens que se pode ter uma vida digna e condigna sem ter que se prostituir politicamente.

**Érica Bispo:** Para terminar, quem são seus autores preferidos? O que você gosta de ler? Algum deles motivou você a escrever? Algum deles é modelo para você?

- 7 -

**Abdulai Sila:** Embora a minha atividade profissional me obrigue a ler muita literatura técnica, devo confessar que é-me difícil dormir sem ler um livro de ficção; onde quer que eu vá, tenho sempre um livro comigo. Tive autores preferidos em várias fases da minha vida; no início, eram todos africanos: do Chinua Achebe ao Luandino Vieira, do Ngugi Wa Thiongo à Nadine Gordmer. Com o tempo e graças à ajuda de algumas pessoas amigas, fui descobrindo e apreciando no seu devido valor obras e autores de outras paragens. Por exemplo, durante os anos em que estudei em Dresden tive um amigo alemão que possuía uma rica biblioteca pessoal e um interesse especial por literatura afro-americana. Foi através dele que travei conhecimento com grandes escritores como, por exemplo, James Baldwin, Richard Wright e Toni Morrison. Esta última é aquilo que poderia considerar, pelos temas que aborda nos seus romances e pela maneira como escreve, como um dos meus modelos.

Érica Cristina Bispo  
Mestra em Letras Vernáculas, área de concentração Literatura Portuguesa/UFRJ, 2005/  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas,  
Área de concentração: Literaturas Portuguesa e Africanas/UFRJ

- 8 -

## ANEXO B: O IMPACTO CULTURAL DA MÚSICA E DANÇA NO CONTEXTO GUINEENSE.



Kansaré: é uma tradição quando nasce uma criança os pais, tem que levá-la ao Kansaré com intuito informa-lo da existência da criança, para que possam protege-la.

A partir de momento que foi feita essa cerimônia a mãe da criança poderá coloca - lá nas costas no "Banbaram".



Os fulas vieram do Vale do rio Nilo, são pastores de gado e são habilidosos nas suas danças tradicionais.

As suas danças expressam a potencialidade no mundo artística.

Há cinco séculos, a etnia Fula povoa as regiões do atual leste do país (Bafatá e Gabú).

